

NARRATIVAS DOCENTES SOBRE INFÂNCIA E NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

RAFAELA LEMOS DA LUZ FURTADO¹; MARCELO OLIVEIRA DA SILVA²

¹Universidade Federal de Pelotas – rafaelalemosfurtado@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – moliveiras@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge a partir do interesse em compreender como ocorre o contato com a natureza em uma Escola Municipal de Educação Infantil localizada no município de Pelotas/RS, e como são proporcionados momentos de interação com a natureza para as crianças. Atualmente, com as evoluções das tecnologias e o afastamento do contato com o meio ambiente natural, estamos vivendo um “déficit de natureza”, concepção desenvolvida por LOUV (2016), onde o autor defende um retorno aos espaços naturais, para que possamos reaprender a ser parte da natureza. Assim, ao realizar uma pesquisa com 5 professoras que atuam nas diferentes etapas da Educação Infantil, objetivamos compreender de que forma as docentes realizam o movimento de ser e estar com a natureza em sua escola e com suas crianças. Para tanto, realizamos uma pesquisa qualitativa (MINAYO, 1993), com perguntas abertas para ouvi-las e adentrar o universo existente entre a escola e a natureza. Ao longo das entrevistas, compreendemos que as professoras proporcionam poucos momentos ao ar livre para suas crianças, possuindo limitações causadas por falta de professoras auxiliares para mediar as saídas de campo ou por observarem empecilhos como a faixa etária das crianças para ir além dos muros da escola.

2. METODOLOGIA

A pesquisa pode ser caracterizada como qualitativa, conforme descrita por MINAYO e SANCHES (1993, p.247), pois “trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões”. Desse modo, realizamos cinco perguntas direcionadas a docentes que atuam desde o Berçário até o Pré I, em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), no município de Pelotas/RS. A escuta sensível ao que as professoras tinham a nos dizer foi essencial para compreender suas narrativas e as dificuldades mencionadas. Suas falas acerca da interação que as crianças possuem ou não com o meio ambiente natural nos auxiliaram a compreender a maneira como as docentes percebem a relevância de proporcionarem, desde cedo, experiências sensoriais às crianças. As entrevistas ocorreram presencialmente com dias e horários marcados na escola em que atuam. Assim, todas as professoras receberam codinomes para preservar sua identidade. Esta pesquisa foi apoiada pela instituição de fomento Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao iniciar este escrito, gostaria que você, leitor, pensasse em quando foi a última vez que esteve em contato com a natureza? Sem distrações, com o pé na grama e o sol no rosto, sentindo a brisa do vento e escutando o mundo a sua volta. Esse imaginário calmo de pausa das obrigações da vida parece-nos tentador. Sentir novas sensações auditivas, frio, calor, aspereza, maciez, tudo o que diferentes ambientes podem nos oferecer se prestarmos maior atenção ao que está ao nosso entorno. Estamos vivendo tempos em que todas essas experiências estão sendo perdidas, ao invés de irmos a um parque observar a natureza, preferimos ficar em nossas casas. Para “proteger” as crianças, as deixamos em casa com a tecnologia e não as levamos a praças ou ao entorno de nossa vizinhança. Aos poucos, vamos esquecendo do que nos torna humanos e do que dá sentido à vida.

Para DELORME (2019, p. 42) “os ambientes de natureza costumam ser provocativos, convidativos para incitar as crianças em seus processos criativos”. Concordamos com a autora ao afirmar que os ambientes naturais proporcionam experiências sensoriais, significativas e investigativas para as crianças. Quando brincam ao ar livre, estão solucionando problemas, dialogando com seus pares, desenvolvendo-se integralmente e descobrindo maneiras de ser e de estar no mundo.

Esta pesquisa surge a partir da observação de situações em que crianças ficam em salas na escola durante o dia todo, sem ter a oportunidade de experienciar o mundo e conviver com os diversos tipos de vida que temos. Ao questionar as professoras, tínhamos como intenção compreender como sua escola trabalha em conjunto com a natureza. Entendemos que o acesso a espaços naturais é um direito das crianças, são nesses espaços que elas vão se constituindo e descobrindo um mundo de texturas, cores, cheiros, sabores e sons.

Segundo TIRIBA (2018), é necessário que façamos o movimento de “desemparedamento da infância”, o que significa proporcionar às crianças acesso a natureza e a vivências com o mundo externo. A fim de compreender como esse movimento ocorre em uma EMEI, perguntamos às professoras se a escola em que atuam possui alguma relação com a natureza. Como resposta, podemos destacar a de três docentes, trazidas a seguir:

“Ela tem relação com a natureza, mas não é uma coisa muito acentuada. Às vezes a gente saía pra passeios aqui na volta, pra olhar árvores. Ano passado nós tivemos pátios naturalizados, com coisas da natureza. Esse ano não tivemos, foi muito tumultuado, aí acabamos não fazendo, mas as crianças adoraram” (Professora Lúcia, 2024).

“Essa parte que a gente teve do pátio naturalizado, a gente até teve ano passado na sala do berçário, foi feito em sala porque eram pequenos, esse ano já não teve porque eles brincam no pátio e é uma brincadeira livre” (Professora Maria, 2024).

“Tem pouco por que a gente não tem local apropriado pra isso acontecer de verdade, tem só uma hortinha aqui do lado que as gurias fizeram. Recém a gente tá conseguindo o pátio, aí sim vai melhorar pra gente poder trabalhar esses aspectos. As crianças têm acesso a hortinha, mas é pequena, tem duas fileiras só, é um canteiro. Nós tentamos fazer o pátio naturalizado, mas não tinha onde guardar os materiais, cada uma trouxe um pouco, mas não deu certo, tem que ter um lugar pra poder guardar” (Professora Mariana, 2024).

As narrativas das docentes mencionam o projeto de pátio naturalizado, que foi uma iniciativa da Secretaria Municipal de Educação no município onde atuam, desde o ano de 2022. O projeto foi idealizado como uma maneira de aproveitar o espaço dos pátios das escolas para proporcionar a arborização da escola e o acesso à natureza para as crianças e as profissionais que atuam nas escolas. Ainda, elas mencionam algumas dificuldades como a falta de continuidade do projeto do pátio naturalizado devido às demandas da escola e a falta de infraestrutura para armazenar os materiais e dar andamento no projeto.

Conforme DELORME (2019), proporcionar o brincar livre para as crianças com materiais da natureza instiga sua criatividade, suas interações sociais, além de mobilizar seus sentidos, já que, ao brincar com materiais da natureza a criança sente o aroma das flores e da terra, escuta o som do vento nas árvores e observa formigas indo de um lado para outro. Compreendendo a relevância de oferecer às crianças momentos de contato com o meio ambiente natural, questionamos as professoras sobre o uso do pátio da escola, como ocorria, se havia horário fixo para utilizar este espaço e se eram realizadas propostas livres ou direcionadas. Como resposta, todas as docentes afirmam ter horário fixo para uso do pátio. Podemos observar nas respostas a seguir:

“Temos horário fixo, 25 minutos, deixamos eles brincarem à vontade. Eles brincam com areia, com baldinho, é uma das brincadeiras que eles mais gostam. Ou então ficam correndo pelo pátio e no balanço. A brincadeira é livre, às vezes a gente direciona eles: “venham pra cá!”, porque tem sol ali, aí não pode brincar nessa parte” (Professora Lúcia, 2024).

“Sim, temos horário fixo, com brincadeiras livres” (Professora Maria, 2024).

“As crianças do berçário estão começando a ter contato com o pátio agora, já no final do ano, com horários determinados, apenas no período da tarde, 30 minutos. Como são crianças de berçário e eles tem pouco acesso, esse é o momento livre pra eles” (Professora Sara, 2024).

“Sim, eles têm 30 minutos pra brincar no pátio. Às vezes tem proposta, mas geralmente eu deixo eles num momento mais livre, pra eles terem contato com a areia, brincar, interagir entre eles. Eu deixo mais as atividades dirigidas pra dentro da sala” (Professora Daiana, 2024).

“Tem horário fixo, 30 minutos. Geralmente é livre, brincadeiras eu faço na sala, as dirigidas” (Professora Mariana, 2024).

Os relatos das professoras refletem o uso limitado do pátio da escola, indicando que as crianças passam mais tempo dentro da sala de referência do que ao ar livre, indo contra o que nos diz o “desemparedamento da infância” (TIRIBA, 2018). Além disso, por meio das falas, podemos perceber que, embora o tempo disponibilizado para brincadeiras no pátio seja livre, ele não é suficiente se considerarmos as horas que as crianças ficam na escola e o potencial que o espaço externo fornece às crianças. Assim, as restrições de tempo e espaço de uso do pátio podem diminuir as explorações realizadas pelas crianças em um local onde diversas vivências poderiam ocorrer.

4. CONCLUSÕES

A partir das narrativas docentes, compreendemos que oportunizar o acesso à natureza para as crianças não deve ser visto como algo dispensável, mas sim, como um movimento que faz parte do desenvolvimento humano dos indivíduos, sendo um direito das crianças que deve ser cultivado dentro e fora das escolas. Por isso, defendemos uma escola aberta à novas possibilidades, que perceba o significado de propiciar vivências com e na natureza para as crianças de todas as faixas etárias.

Embora haja iniciativas da própria Secretaria de Educação do Município de Pelotas, depende da organização das EMEIs, da vontade das professoras e da compreensão das famílias que o brincar ao ar livre e com a natureza é essencial para as crianças. Especialmente, para as crianças que vivem nos centros urbanos e estão afastadas dos espaços naturais. Podemos destacar também que os momentos livres de brincadeiras na e com a natureza são importantes para o desenvolvimento integral das crianças e não apenas um momento de extravasar a energia contida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELORME, M. I. **Brincar na natureza:** tocar, experimentar e interagir. Criança e natureza nas cidades. Rio de Janeiro: Baobá, 2019. p. 39-53.

LOUV, R. **A última criança na natureza:** salvando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Aquariana, 2016.

MINAYO, M. C. de S.; SANCHES, O. **Quantitativo-qualitativo:** oposição ou complementaridade? Cadernos de Saúde Pública, v. 9, n. 3, p. 237–248, jul. 1993.

TIRIBA, L. **Educação infantil como direito e alegria:** em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. São Paulo: Paz & Terra, 2018.